

CRÍTICA FILME | NATAL AMARGO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Arranhando seu violão nos acordes de “Cucurucucú Paloma”, em “Fale Com Ela” (Oscar de Melhor Roteiro Original em 2003), o baiano Caetano Veloso cunhou o termo almodrama para classificar a estética esculpida nas telas pelo manchego Pedro Almodóvar a partir do léxico melodramático da era moderna do cinema. Tem Douglas Sirk, tem Vincente Minnelli, tem (em especial) Fassbinder no caldo fervido pelo diretor, numa alquimia com temperos ibéricos e com o cancionário romântico latino-americano.

Mais tarde, um outro orixá da Bahia, José Carvalho, o maior teórico de roteiro do Brasil, veio com o conceito de “metamelodrama”, segundo o qual a obra do realizador de “Tudo Sobre Minha Mãe” (Prêmio de Melhor Direção em Cannes, em 1999) não se estratifica sobre a vida (a real) e, sim, sobre a vida reimaginada pelo discurso cinematográfico, o que justifica os excessos de suas personagens e de suas tramas. É só por vias excessivas, na hipérbole (do querer e do sofrer), que o melodrama cumpre com seus desígnios essenciais.

As duas classificações, ambas regadas a dendê, encontram a especiaria da autocrítica no colossal “Natal Amargo” (“Natal Na-

No Almodrama, ninguém é de ninguém



Elsa (Bárbara Lennie) e Bonifácio (Patrick Criado): vértices do poliedro metalinguístico de Almodóvar

vidad”). Bárbara Lennie é uma de suas mais vívidas exuberâncias, firmando-se no rol das estrelas almodovarianas.

Ela atua num diapasão de ambiguidade, fervendo o caldo quente de uma investigação sobre os limites entre o privado e o público

na construção de uma narrativa. De cara, vem uma tiração de sarro: “cineasta autoral é aquele que é visto por poucos”, brinca Elsa,

publicitária vivida por Lennie, qual fosse alter ego de Almodóvar. Consumida pelo luto após a morte da mãe durante o Natal, ela tenta sobreviver ao desgaste emocional provocado pelo excesso de trabalho e pelas dificuldades afetivas. Vive cercada pelo carinho de Bonifácio (uma força da natureza chamada Patrick Criado), bombeiro que complementa sua renda trabalhando como stripper na noite. Apesar de todo o tesão e de toda cumplicidade oferecidos pelo rapaz, Elsa se sente incapaz de reorganizar a própria subjetividade em Madri e decide partir para Lanzarote. Numa reta paralela, vemos Raúl Durán, um cineasta de prestígio (vivido pelo argentino Leonardo Sbaraglia), hoje em crise criativa de meia-idade. Sem ideias, ele decide transformar as vidas de seus amigos em matéria cinematográfica.

A dado ponto, parece que “Natal Amargo” é um ensaio ético sobre fontes dramáticas e as fidelidades por ela exigidas. Logo se percebe que não é (pelo menos, não é só isso), logo que, guloso, Almodóvar se joga no fosso que mescla todos aqueles relatos. Ali os enredos passam a refletir-se num jogo metalinguístico onde realidade, memória, ficção e o próprio Almodóvar se confundem e se imiscuem. A trilha sonora de Alberto Iglesias tempera essa orgia sensorial.

CRÍTICA FILME | CHOPIN, UMA SONATA EM PARIS

Acordes de antigamente, mas ainda suntuosos

Pátria de vozes autorais cinematográficas ribombantes (de Andrej Wajda a Agnieszka Holland, passando pelo divo da hora, Pawel Pawlikowski), a Polónia hoje testemunha o caminhar de Michal Kwiecinski rumo à consagração, carregando em seu currículo de direção o premiado “Servindo Nazistas” (2022). Ali firmou uma parceria sólida com o ator Eryk Klum. O talento do jovem intérprete é fundamental para fazer de “Chopin, Uma Sonata Em Paris” – a expressão poética mais recente de

Kwiecinski – um oásis de excelência no terreno das biopics (épicos de tom biográfico).

Qual o “Bohemian Rhapsody” (2018), de Bryan Singer, esta recriação histórica da vida de um músico avesso a normas funciona mais como um painel de uma Europa em fase de adoecimento do que como um verbete de Wikipedia sobre um músico virtuoso.

“Chopin, Chopin” (título original) tem a tessitura e o colorido retido das massas de sangue escarra-



Eryk Klum tem um desempenho delicado em ‘Chopin, Uma Sonata em Paris’

das por seu personagem central em meio à tuberculose. Frédéric François Chopin... ou Fryderyk Franciszek Chopin (1810-1849) sangrou pulmões afora, em decorrência do bacilo de Koch, em paralelo à sua trajetória de composições lendárias, amores frustrados e rivalidades com Franz Liszt (papelado a Victor Meutelet),

além da paixão pela escritora George Sand (Joséphine de La Baume).

Com um orçamento de US\$ 19 milhões, Kwiecinski teve quatro meses de filmagem para reinventar a Europa do século XIX, apoiado em 260 atores, 5 mil figurantes e cerca de 600 profissionais em sua equipe. Com esse contingente e o

talento de Klum no papel central, faz uma superprodução com cara de antigamente, resgatando (com suntuosidade) a fase em que Chopin foi um ídolo da aristocracia e uma presença constante nos salões de Paris. Apresenta seu personagem como um poeta desterrado, sem pertencimento. (R. F.)